

O doutor Minhoca

O doutor Minhoca, o famoso director do *Nacional*, êsse orgão político do integralismo poético, rebentou ontem, e rebentou, a pretexto do *Orfeu*, o orgão poético do integralismo político. Quem havia de supôr que bastariam apenas sete dias,—sete dias precisos, contados pela folhinha!—para que êste novo paladino da monarquia, que tão chibante se apresentava a substituir o *outro*, o do *Dia*, e a investir contra nós com aquela grosseria característica dos antigos cavaleiros de casa rica, se apressasse a levantar o campo logo ás primeiras e bem humoradas gargalhadas com que respondemos aos seus desafios tão truanêscos como rufianicos!...

Pobre doutor Minhoca! pela furia com que, na fuga, desembesta contra o snr. António José de Almeida chamando-lhe *apache* e outras coisas feias, pôde bem avaliar-se o que êle terá agora que contar á familia e ao ingenuo pretendente de Richmond que caíra na esparrela de o nomear seu porta-voz na imprensa! Pobre D. Manuel! Ridiculo paladino, ainda mais ridiculo que o *outro*, o do *Dia*, mas não menos poltrão, ao que se está vendo.

Imagine-se, quanto á sua destresa jornalística, que êste pobre Minhoca tanto andou e tanto fez, que não se conteve enquanto nos não forçou a estampar nas colunas da *Republica* uma das provas, das muitas que possuímos e enriquecem o nosso bem provido arsenal, de que êle andára de braço dado com o *blóco*, nos ultimos tempos da monarquia, precisamente na ocasião em que o mesmo *blóco* fazia aquella ignóbil campanha de difamação das alcôvas reais contra D. Manuel, então rei de Portugal, e sua mãe a rainha D. Amelia de Orléans. As *minhocas*, as tais *minhocas* que, segundo êle próprio conta, andou a apanhar em Coimbra e a recolher religiosamente na cavidade em que toda a outra gente traz os miolos, pondo mesmo de parte já aqueles hiatos de memória explicáveis pelo soneto que transcrevemos do *Orfeu*—essas *minhocas*, diziamos, levaram-no a concluir que nós afirmáramos que o *Correio da Manhã*, o jornal de que êle então era o redactor político, havia tomado parte activa nessa difamação, tão ignóbil que, lembramo-lo mais uma vez, levantou um indignado protesto do snr. António José de Almeida na sua extinta revista *Alma Nacional*, e que nós há dias transcrevemos a titulo documental.

Dai o arreganho com que êle nos intimou a provar aquilo que nem mesmo sequer havíamos insinuado, isto é, que o *Correio da Manhã*, redigido então pelo mesmo Minhoca, que é hoje o *Outro Eu* do sr. D. Manuel na imprensa—pelo menos êle de tal blasona—insultara e difamara o referido personagem e sua mãe. E ficou-se depois todo ufanoso com o seu bôte, o novo paladino, substituto e successor do outro já bem derreado, que ainda ergue o seu pendão ou... a sua taboleta na redacção do *Dia*.

Tivemos-lhe, pois, de provar que êle não nos conhecia, nem se conhecia a si proprio, e que, sendo o chefe integral do integralismo poético e político de Portugal, êle nem mesmo se havia quedado um momento sequer na vida a meditar no aforismo do filósofo—*Nosce te ipsum!*—o que, em vulgar, quer dizer—*trata de te conhecer a ti proprio*, tradução que fazemos pela justificada duvida em que estamos de que a maior parte dos nossos integralistas nunca tiveram satisfactorio convívio com o *Magnum lexicon*. E para provar que êle não se conhecia a si e não nos conhecia a nós e não sabia as perigosas aventuras em que se metera com tão parva intimativa, tivemos de lhe assoar os narizes com *aquella prosa da folha de um dos actuais directores do Centro Monárquico* relativa ás noites amorosas do sr. Wenceslau de Lima no palacio da Pena, e perguntando depois ao actual *Outro Eu* do sr. D. Manuel de Bragança onde é que no seu antigo *Correio da Manhã* se encontra qualquer protesto, por minimo que seja, contra tais ignomias, não só debaixo do ponto de vista político, como debaixo do ponto de vista moral. Ora essa folha, *O Liberal*, era progressista, pertencia ao *blóco*, a que tambem estava agregado o tal *Correio da Manhã*, redigido por Minhoca.

E' esta a verdadeira razão da furia verbal, com que ontem o ridiculo paladino n.º 2, nos brindava na sua grotesca fuga, cobrindo-se com o pretexto de que nós lhe atribuíamos a autoria do *Orfeu*, esse orgão poético do integralismo político, como, se de facto, o *Orfeu* não tivesse ido beber á mesma fonte coimbrã donde o doutor Minhoca trouxe as suas *minhocas*, como êle próprio proclamou, sem ninguem lhe perguntar por isso. E tanto esta que indicamos é a verdadeira razão da furia que ontem o acometeu, como se na orelha lhe mordesse alguma varejeira, que só ontem tambem é que êle rebentou a pre-

"A Republica" 29 abril 1915

texto do *Orfeu*, mau grado há sete dias — sete dias precisos, contados pela folhinha! — nós o termos vindo a integrar devidamente na corrente de pensamento e sentimento de que elle é, sem dúvida, a mais alta e representativa figura.

Ora não basta para que o creiam que o *doutor Minhoca* afirme — e demais a mais sem assinatura! — que não é o autor dos versos do *Orfeu* que publicamente já lhe andam atribuidos, quando mais não fosse, por intimas paridades literárias, estéticas e filosóficas. E' necessário, é indispensavel que os pseudónimos que firmam esses versos venham publicamente declarar por sua vez — para que o ridículo da situação criada pelo director do *Nacional* seja bem . . . integral — que tais versos não pertencem ao *doutor Minhoca*. E ainda assim, sérias dúvidas podem restar depois ácerca da exactidão das declarações de tais pseudónimos que podem perfeitamente mascarar o *doutor Minhoca* e ser, portanto, ainda, este mesmo *doutor* que escreva com essas assinaturas. Onde está a verdade? Pode lá saber-se, principalmente desde que Sócrates pôz em dúvida a própria existência da Verdade? Certo é que Sócrates não era seiscentista nem integralista, como o nosso apreciavel *doutor Minhoca*.

Em suma, amigo D. Manuel, é preciso arranjar outro director para a gazeta. Este *reventou!* venha outro! — como dizia o inglês da anedota ácerca da *cocotte* que o tinha servido mal. Um qualquer, que tenha sobre o *Minhoca* a superioridade de uma maior carreira de tiro na imprensa.

Demais o *Minhoca* já bate em retirada, coitado! Deixêmo-lo ir, o fugaz *paladino*, a correr, a correr, a correr, por montes e vales. Já lá previa o episódio o *Orfeu* na famosa *Ode triumphal*:

Hup lá; hup lá, hup-lá-hô, hup-lá!
Hé-há! Hé-hô! Ho-o-o-o-o!
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Pobre *Minhoca!* em que estado o puzeram as *minhocas* coimbrãs! As *minhocas* e . . . o resto!

As minhocas de Coimbra...

«O sonho dum verme» por Ambrosio das Mercês

Insero o *Povo de Santa Clara*, de Coimbra, que acabamos de receber, o prometido excerpto *Sonho dum verme* do livro publicado em 1901 naquela cidade com o titulo *Pela Terra* por Ambrosio das Mercês, o famoso *dr. Minhoca* que, com o pseudónimo de Anibal Soares dirige actualmente o jornal monarchico o *Nacional*, órgão político do integralismo poetico. Abaixo reproduzimos esse excerpto, realmente precioso, não só sob o ponto de vista político e psicológico como ainda sob o ponto de vista estético, constituindo assim um documento de inestimavel valia para a apreciação do movimento neomonarquista português, vulgo *integralismo*, representado na imprensa por dois órgãos famosos, o *Orfeu*, órgão poetico do integralismo político, e o já citado *Nacional*, órgão político do integralismo poetico.

Eis o trecho em questão:

Como convém a um zero, atirado ao acaso para a equação da Vida, eu não tenho a fantasia estulta de querer influir grandemente na resolução das incognitas — porque vim cair á esquerda.

... janto socegradamente a minha sopa, o meu arroz e a minha vacca beirôa, que uma gorda mocetona do campo, mangas regaçadas até ao sovaço, me vai servindo com desvelo; dou um giro curto pela cidade e dois dedos de cavaco na botica do Marques, e recolho-me. Rego o mangericão que sempre tenho sobre a secretária, ao lado da pasta dos meus papeis, tomo uma pequena chavena de chá preto, tão recomendado pela Medicina contra os males intestinaes, e deito-me enfim, no sono imperturbavel dos inofensivos.

E é assim que a minha existência vai rebolando, chata e mesquinha, sem perturbações nem revoltas — pacata, pautada, regular, como a dum remansado burro de nóra.

Mas ontem — oh! a noite de ontem! — fui acompanhar á morada derradeira o corpo do mais dedicado dos amigos — o Antunes, o meu colega Antunes, que falecera na vespera, coitado, com uma pneumonia dupla.

Isto foi depois do jantar.

Eu tinha-lhe comido bem, tinha-lhe bebido bem, porque a esrrada é longa.

A afflicção, a pressa que não me deixára triturar bem os alimentos, como costume, tudo me dispôs mal; e quando voltei, ás 8, a digestão não estava feita.

Ainda assim, preparei-me para o trabalho. Reguei o meu mangericão, remexi-lhe muito remexida a terra sêca,

A Republica 10 Maio 1915



para tomar da agua, colloquei a papela-da sobre a pasta e sentei-me á secretaria, ao lado da janela aberta.

A noite estava muito limpa, muito es-pelhada, incitando a pensar em coisas misticas.

Os mundos siderais alfinetavam o fir-mamento. E eu puz-me então a meditar no que seria feito da alma do Antunes, áquella hora, livre já das terrenas peias.

Afinal—quem sabia lá?—era muito possivel que o meu inditoso colega estivesse no céu, entre coros de arcanjos, á mão direita de Deus Padre! Isto, o que não se vê, não se afirma, é certo; mas também não se deve negar em absoluto, confessemos-lo.

Eu, normalmente, não tenho crencas.

Mas, ás vezes, não me repugna admi-tir por hipotese um Ente Supremo, cria-dor de todas as coisas.

Principalmente de noite, e principa-lissimamente em noites sem luar, quan-do nas ruas cessou toda a agitação e eu me encontro só no meu quarto, que fica isolado do resto da casa—nessas occasiões, com franquesa o declaro, sinto um baque no coração e desando a crêr, a **crêr co-bardemente**, em todas as doutrinas da Santa Religião Catolica e Apostolica Ro-mana!

E depois, mesmo de dia, eu não sou agora que digamos, um esturrado.

Por exemplo: não posso entrar no Gre-mio—o **Gremio dos Livres Pensado-res**, ao qual pertenco de ha muito—pois não entro lá com o pé esquerdo. Porque, se entro, é enguiço para toda a noite.

Será um fraco, o fraco de um **espiri-to forte**, concedo, mas não está mais nas minhas mãos!

No entanto, repito-o bem nito, es-tes infimos senões não destroem de forma alguma a minha convicção!

Sou ateu; não acredito lérias.

A tua tinha vindo embutir-se, emfim, no negrume do espaço.

Entrei de olhar para ela.

Um espectáculo assim—verdade, ver-dade—sempre é de respeito. A gente fala, a gente clama; mas tudo aquillo dá muito que parafusar!

Oh! Não! Nenhum mortal atingirá **Jámais a Primeira Causa, o Princi-pio Supremo e o Destino Final!**

Não sei quanto tempo passou.

Puz o chapéu, empunhei a minha ben-gala de volta, de cana da India, tracei a minha velha capa espanhola, por causa da frescura da noite, e sai a espaiar para onde inclinassem as pernas.

Achei-me, repentinamente, proximo do cemiterio. Por de cima da montanha fronteira, começara o céu a avermelhar-se; mas os objectos distinguiam-se ainda mal.

E, ao dobrar a esquina do muro, es-barro com um homem misterioso, todo embuçado na gola levantada do seu «par-dessus».

O tipo ergue o rosto: e os meus olhos pavidos vêem, vêem positivamente—o aparição extranha! ó impossivel!—o An-tunes, o meu colega Antunes, o que eu enterrara na vespera, materializado, ali, em carne e osso!

Pela espiral, a commençação titillou-me.

Os meus joelhos de ateu sentiram-se dobrar.

Foi um instante horrivel, um instante angustiado.

Mas faço um esforço, aprumo-me um pouco, levo rapidamente a mão ao cha-peu como a pedir-lhe desculpa, viro as costas e retiro-me quasi vagorosamente, a duvidar de mim.

O Antunes nada me dissera: mas lan-çou-me um olhar frio e os seus labios franziram-se num sorriso sardonico, num sorriso mau que me zagunchou a alma.

Pois era possivel? Pois caíam assim tão definitivamente as minhas velhas opiniões de irreligioso, odiando o Dogma, detestando o Padre e não receando o Juizo Final?

Oh! mas aquillo fôra apenas uma alu-cinação passageira, uma sugestão do lo-gar e dos anteriores sucessos!

Não vai aqui todo o aludido capi-tulo, que é longo do livro, bastando

dizer-se que o capitulo termina por estas palavras:

Quanto ao mais, conti-nuo Ambrósio das Mercês e—ateu.

Continuava, quando isso eserevia, isto é, no tempo em que, como êle próprio declarou sem ninguem lhe preguntar por isso, apanhava em Coimbra aquella reserva de minhocas que lhe valeram o nome que êle hoje esconde sob o pseudónimo de Anibal Soares no *Nacional*.

Diziamos nós que êsse excerpto tinha, documentalmente, um amplo valôr. E tem sob o ponto de vista politico e psicologico comprova a inanidade das convicções politicas e religiosas do director do *Nacional* que, sendo hoje monárquico, era, ao tempo, republicano e ateu, genero *livre-pensadeiro*. Sob o ponto de vista estético, integra-se, ou melhor, é a autentica integração literária e artistica do *paulismo integralista* que ora teve a sua eclosão plena e triunfal nas laudas imortais do *Orfeu*, êsse *Lusiada* do néo-monarquismo lusitano.

Reparem bem os nossos estudio-sos, por exemplo, naquele periodo que abre o precioso trecho:—*Como convém a um zero, atirado ao aca-so para a equação da vida*, etc., e cotejem ao acaso com qualquer dos trechos em prosa ou em verso do *Orfeu* e digam-nos se é possivel negar-se a identidade, não já da orien-tação filosofica e estetica, mas ainda a da tão preciosa e apreciada perso-nalidade do director do *Nacional* e do inspirador do *Orfeu*.